



O FORTE DE COIMBRA NOS NOSSOS DIAS

Davis Ribeiro de Sena

O Coronel R-1 Davis Ribeiro de Sena, velho estudioso de nossa História, focaliza agora aspectos interessantes deste sítio histórico ao redor do Forte de Coimbra, baluarte significativo da defesa do nosso território. E presta uma homenagem ao seu fundador, o Coronel Ricardo Franco.

Ao elaborar este modesto trabalho, o autor não tenciona abordar a saga do Forte de Coimbra e o seu papel histórico na formação da nacionalidade brasileira, haja vista que vários pesquisadores e analistas mais capacitados — à frente o mestre e historiador militar Gen Raul Silveira de Mello. — já o fizeram com diligência, oportunidade e desvelo. Pretende mostrar, somente, aos seus pacientes leitores, a situação atual do glorioso Forte, a cuja existência deve o Brasil a conquista e a manutenção do seu território, que se estende do oceano Atlântico aos contrafortes orientais dos Andes.

Sinceramente, não é muito fácil chegar na antiga fortaleza, fin-

cada, por providencial acaso, na margem ocidental do rio Paraguai, pelo Capitão de Auxiliares Mathias Ribeiro da Costa, em 13 de setembro de 1775, a mando do Capitão-das-Armas e Governador da Província de Mato Grosso Luiz Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres. O meio mais simples é o seguinte:

O ponto inicial da viagem é a moderna cidade de Campo Grande, moderna capital do novel Estado de Mato Grosso do Sul, que é servida por eficiente infra-estrutura de transportes aéreo e terrestre. De Campo Grande, em vagão-leito da Noroeste, não muito confortável, percorre-se todo o surpreendente e magnífico Pantanal Matogrossense, possuidor de uma fauna

insinuante e maviosa que povoa seus imensos e encantadores horizontes.

A partir de Corumbá — hospitaleira e alegre cidade sul-matogrossense, lindeira com a Bolívia — ainda via ferroviária, em rápida e sossegada viagem, atingimos Porto Esperança, na margem oriental do rio Paraguai, lugarejo em que, após breve baldeação, o trem entra de ré.

Daí, de barco pertencente ao Forte de Coimbra — as velozes lanchas “voadeiras”, para 4 pessoas, ou as pitorescas “gaiolas”, que dispõem até de singelos camarotes — chegamos ao altivo Forte, depois de aprazível viagem fluvial, ocasião em que admiramos esplendorosa paisagem, típica do Pantanal, com suas imponentes aves e animais aquáticos, raros e belos, que emolduram uma flora viçosa e serena, como as águas do grande e piscoso rio. A topografia é movimentada, e os inúmeros braços do rio (“furos”), remansos e ilhas retratam um panorama prodigioso, ímpar e bucólico.

A visualização do Forte, ao longe, é extasiante, fantástica, pelo seu impacto grandioso, contrastante e selvagem. Contagiantes também é a espontânea recepção oferecida aos visitantes pelos moradores do pequeno povoado que ladeia, habitado por cabos, soldados, agregados e populares, homens, mulheres e crianças. Por todos, a pequena vila é chamada de Saramandaia, como decorrência da irresistível influência das novelas de televisão sobre o comportamento da população brasileira.

Oficiais e sargentos, juntos com seus familiares, também participam da festa da chegada ou da partida das embarcações, sempre o principal evento do dia.

A humilde e ordeira comunidade possui, hoje, cerca de 1.000 moradores. Contam os habitantes de Saramandaia que, até o ano de 1974, eles eram em número de 3.000. Daquela data em diante — como consequência da terrível enchente que inundou indistintamente os lares populares e a Vila dos Sargentos — o povo emigrou para outras latitudes menos perigosas, resultando no declínio do vilarejo. Aliás, a “cheia” — de 1974 — é o marco que distingue o relativo progresso que contagiava a população naqueles dias, dos dias difíceis de hoje, porquanto, até o citado ano, existia uma estrada vicinal que, embora precária, conduzia de Coimbra a Corumbá, minimizando o problema vital da conexão entre aquelas ínvias paragens e o razoável pólo de desenvolvimento que a última cidade representa.

As águas do rio Paraguai, ao baixarem, não mais retornaram ao seu antigo leito, permanecendo vários palmos acima do seu nível anterior. As enchentes, no grande rio, são periódicas, anuais; entretanto, a partir do fatídico ano de 1974, o seu leito foi ampliado, invadindo terras antes habitáveis. A citada estrada Coimbra—Corumbá foi interrompida definitivamente e, em nossos dias, não é mais transitável, e o aeroporto, a escola, a igreja (católica) e a assembléia de Deus sofreram danos considerá-

veis. Por outro lado, o percurso Coimbra—Porto Esperança também podia ser feito por terra, a pé ou a cavalo, aproveitando picadas e caminhos existentes às margens do rio Paraguaí. Até 1974.

A Vila dos Oficiais apresenta algum conforto e o aquartelamento é compatível ao cumprimento da missão atribuída à Unidade (1ª/6ª GACos). As residências são providas de tela em todas as aberturas, a fim de que seja neutralizada a ação constante dos insetos daninhos. Em que pese a solidão e a sensação de isolamento, constatamos que a jovem oficialidade cumpre normalmente suas tarefas, como o faz em qualquer organização militar do Exército Brasileiro. A rotina castrense é a mesma, acrescida de outros encargos administrativos que sobrecarregam o Comandante, tais como: manutenção das lanchas, atividades de padaria, ambulatório, transporte, açougue, reembolsável, direção de serviços públicos básicos e da rede escolar etc., além de ser o mediador, nas questões litigiosas, entre os cidadãos, pois inexistem autoridades civis.

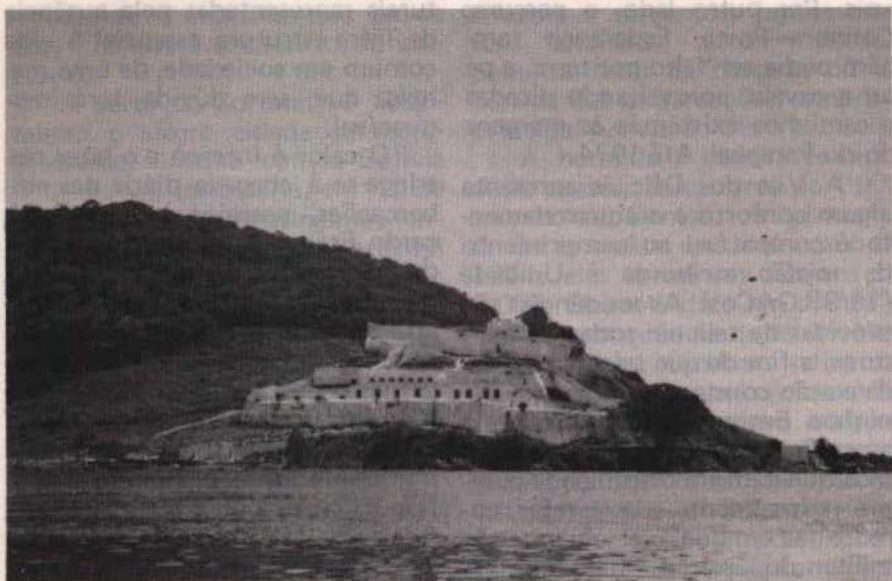
As crianças freqüentam as aulas e se divertem, pescando e fazendo limitadas incursões no amplo matagal que circunda a povoação e é emocionante constatar o estímulo, a generosidade, o companheirismo, a extrema dedicação das esposas, a maioria ainda meninas-moças vivendo afastadas das cidades de origem e de seus familiares, iniciando a edificação de suas próprias famílias, junto aos maridos, superando as agruras na-

turais representadas pela ausência de infra-estrutura essencial à vida comum em sociedade, de uma maneira que, sem dúvida, será inesquecível.

O calor é intenso e o lazer restringe-se à chegada diária das embarcações, passeios à "Gruta Ricardo Franco" (que o povo chama de "Gruta do Soturno") — insólito recanto que tem como principal atração uma profunda fonte subterrânea de água límpida e potável — visitas a amigos e participação em íntimas reuniões sociais, no Cassino dos Oficiais, além da prática de esportes diversificados. Não há cinema ou clube social e os sinais de televisão são precários: um dia a imagem está boa, outro, não. Através de um mutirão, foi cravada uma torre repetidora no vizinho Morro da Marinha, para o que foram ultrapassados obstáculos de toda espécie, quer de ordem financeira, quer topográfica, pois a elevação é de difícil acesso, devido à agressividade da vegetação e à natureza íngreme de suas encostas.

As muralhas, baluartes e seteiras do heróico Forte permanecem firmes e sua planta continua fiel à velha "Bateria Ricardo Franco", com pequenas alterações. Logo à entrada se vê a histórica inscrição, em bronze, afixada na muralha leste, que transcrevemos abaixo, mantidos o teor e a forma originais:

Bateria Ricardo Franco
Inaugurada no governo do Dr
Affonso Penna sendo Ministro
da Guerra o Marechal Hermes
Comandante do 7º Distrito



A imponência do Forte de Coimbra captada da margem oriental do rio Paraguai. O aquartelamento da 1ª/6ª GACos e o campo de pouso situam-se atrás da elevação. À direita da fotografia ergue-se o modesto povoado.



A nossa Bandeira.

Militar o General Vespasiano de Albuquerque Delegado de Engenharia o Major Albuquerque Souza e Engenheiro das obras o Tenente Sebastião Silva

1908 — 1909

Anos depois, por intermédio do Decreto-Lei nº 4.027, de 16 jan 1942, a Unidade Militar ali destacada — tradicionalmente, da arma de Artilharia — foi agraciada com a Denominação Histórica "Grupo Portocarrero", fruto da intenção oficial de homenagear o Comandante do Forte Coimbra, por ocasião da Guerra do Paraguai, mas, sem o saber, desfazendo a denominação já existente, desde o início do século. Restabelecer o galardão de "Bateria Ricardo Franco" é um dever de justiça a um dos maiores brasileiros de todos os tempos, atualmente pouco lembrado que, chefiando uma reduzida guarnição de 100 soldados e índios, repeliu a expressiva frota do Governador do Paraguai Lázaro de Rivera (800 homens e numerosos canhões) e assegurou como brasileiras as vastas e ricas planícies controladas pelos intrépidos índios Guaicurus. Coubelhe, ainda, como o mais distinto Comandante do Presídio de Nova Coimbra, consolidar o decisivo acordo de amizade celebrado com os guerreiros Guaicurus, tornando-os súditos portugueses e criando condições físicas, étnicas e históricas para a incorporação definitiva do mencionado território, hoje caracterizado pelo Estado de Mato Grosso do Sul (1).

Ademais, essa correção histó-

rica não representa deméritos para os defensores do Forte de Coimbra, em 1864, liderados pelo insigne Ten-Cel Hermenegildo de Albuquerque Portocarrero que, após repelir o assédio guarani, nos dias 27 e 28 dez 1864, soube retrair com honra, durante a noite de 28/29, em razão da significativa superioridade numérica do inimigo e por falta absoluta de munição de infantaria. Trata-se, apenas, de repor a condição precedente, obedecendo-se à evolução natural do Forte de Coimbra, que foi infringida unicamente por desconhecimento da Denominação Histórica concedida em 1909 e inscrita em suas épicas muralhas.

Cabe ressaltar, arrematando com mérito este pequeno trabalho, as palavras colocadas por Ricardo Franco, na resposta ao arrogante Lázaro de Rivera que o intimava a "render-se prontamente, pois, do contrário, o canhão e a espada decidirão a sorte de Coimbra, sofrendo sua infortunada guarnição as contingências da guerra, de cujos estragos V. Sa. se verá livre, se concordar com a minha proposta, respondendo-me dentro de uma hora".

Redigido em pleno fragor da batalha, sob a superioridade do fogo inimigo, o seu memorável teor reflete o ímpar patriotismo e abnegação, a disciplina consciente e a heróica simplicidade do Comandante do Forte, escrevendo uma indelével página que se perpetuará nos anais da memória da nacionalidade brasileira:

"Tenho a honra de responder categoricamente a V. Exa. que a



O rio Paraguai, visto do Forte (direção N-S). Lá no horizonte foram avistadas as frotas de Lázaro de Rínera (1801) e de Pedro Ignácio Meza (1864). As águas do grande rio inundaram os prédios junto à sua margem.



A Vila dos Sargentos totalmente invadida pelas águas do rio Paraguai. A fotografia data de maio de 1982.

desigualdade de forças sempre foi um estímulo que animou os portugueses, por isso mesmo, a não desampararem os seus postos e a defendê-los até as duas extremidades: ou repelir o inimigo ou sepultar-se debaixo das ruínas do forte, que lhes confiaram. Nesta resolução se acham todos os defensores deste Presídio, que têm o prazer de ver em frente a excelsa pessoa de V. Exa. a quem Deus guarde muitos anos."

No gabinete do Comandante, encontra-se a urna mortuária onde jazem os restos do Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra, seu fundador e invicto defensor. Essa relíquia é cuidada com carinho e reverenciada conritamente, por toda a comunidade de Coimbra, como o maior legado de bravura, altivez e patriotismo existente no aquartelamento, ao lado da milagrosa imagem de Nossa Senhora do Carmo. Reza a tradição que, fazendo com que escapassem ilesos das violentas pelejas de 27 e 28 dez 1864, a imagem da Padroeira do Forte, presente à batalha, protegeu miraculosamente os combatentes brasileiros contra as poderosas forças invasoras do

Coronel Vicente Barrios e do Capitão-de-Fragata Pedro Ignacio Meza, milagre que é transmitido, de boca em boca, desde os intrépidos defensores do Forte, até os seus continuadores dos dias atuais. A verdade histórica confirma: não houve baixas brasileiras nesses combates, enquanto, no lado oposto, contaram-se 42 mortos e 184 feridos.

Eis o Forte de Coimbra, ao qual devem os brasileiros a manutenção da amplitude da penetração bandeirante até o sopé dos Andes. Conhecer sua história é dever patriótico. Visitá-lo, um privilégio de que só poucos podem se orgulhar.

NOTA DO AUTOR

(1) Na época da fundação do Presídio de Nova Coimbra, a maior parte da atual Bolívia, o Paraguai e a Argentina constituíam o Vice-Reinado do Prata, com sede em Buenos Aires. Os territórios de Chiquitos e Moxos — subordinados àquele Vice-Reinado e que hoje formam a porção oriental da Bolívia — ligavam-se com o porto de Buenos Aires por intermédio, unicamente, do rio Paraguai, afluente do rio da Prata. Assim, a existência do Forte — estabelecendo um poderoso enclave entre o litoral e o interior da colônia espanhola — impediu a vital conexão e contribuiu para que, mais tarde, o incipiente Vice-Reinado do Prata fosse desmembrado em 4 países distintos.



O Cel Cav R/1 Davis Ribeiro de Sena tem os cursos da Academia Militar das Agulhas Negras, Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. No campo civil, tem os cursos de Administração de Empresas (Bacharel), de Organização e Métodos, de Administração de Pessoal e o Curso de Introdução a Computadores para Executivos. Entre as comissões militares desempenhadas destacam-se: Chefe da 3ª Seção da 6ª Brigada de Infanteria Blindada (Santa Maria, RS), Chefe da Divisão Cultural e Histórica do Centro de Documentação do Exército (Brasília, DF), Chefe da 4ª Seção da Inspetoria Geral das Polícias Militares (Brasília, DF) e Comandante do 17º Regimento de Cavalaria (Amambá, MS).